**Aureni Braz de Oliveira**

**A SUBJETIVIDADE FEMININA NA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE GOIANA**

Pesquisa construída com o objetivo de participar da XV Jornada de Iniciação Científica- JONIC da Faculdade Estácio do Recife a partir da orientação da Professora Silvana Menino do Rosário da Costa.

Recife – 2016

**A SUBJETIVIDADE FEMININA NA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE GOIANA**

**Aureni Braz de Oliveira Prof. Orientadora Silvana do Rosário Menino da Costa**

Discentes do curso de Graduação de Psicologia- aureni.braz.oliveira@gmail.com

Docente do Curso de Psicologia- silvanamenino@hotmail.com

***Resumo:*** *A presença da mulher dentro da igreja se deu desde o início do cristianismo, quando as mulheres que acompanhava Jesus e seus apóstolos, deram continuidade a sua Missão, após a sua morte. No entanto, mesmo a dignidade da figura feminina pelo próprio Jesus, o gênero feminino sempre foi colocado em segundo plano, devido a convenções sociais e corolários propagados pela Igreja sob a justificativa de que a dominação feminina das mulheres na igreja católica é pautada nas interpretações de Santo Agostinho, e São Tomás de Aquino, santos católicos. Na figura de Maria a mãe de Jesus, compreende-se o ideal de mulher a ser seguido e suplantado na sociedade, perpassado por gerações. Infelizmente as mulheres terminam por reiterar a mensagem, pois devido a influência das doutrinas religiosas na constituição da subjetividade, ocorre entre elas o choque de opiniões, ideologias e posicionamentos, suscitando, por vezes, o sofrimento de seus integrantes, já que acabam questionando este papel a ser experenciado na sociedade, fora dos muros da Igreja. A Ordem Terceira do Carmo de Goiana enfrenta esta realidade de sofrimento, proveniente da dicotomia existente entre a nova geração e antiga geração de mulheres que adentram nas fileiras da ordem; que não admite ser trazida à tona questionamentos e novos parâmetros do gênero feminino, do ser mulher e da subjetividade feminina.*

Palavras-chave: Mulher, Ordem terceira, Subjetividade feminina, Igreja.

***Abstract.*** *The presence of women in the church occurred since the beginning of Christianity, when the women who accompanied Jesus and his apostles have continued their mission after his death. However, even the dignity of the female figure by Jesus himself, the female gender has always been placed in the background, due to social conventions and corollaries propagated by the Church on the grounds that female domination of women in the Catholic Church are based on the interpretations of St. Augustine and St. Thomas Aquinas, Catholic saints. In the figure of Mary the mother of Jesus, understood the woman's ideal to be followed and supplanted in society permeated for generations. Unfortunately, the women end up repeating the message, as due to the influence of religious doctrines in subjectivity, occurs among them the clash of opinions, ideologies and positions, provoking sometimes suffering of its members, since just questioning this role to be experienced only in society, outside the church walls. The Third Order of Carmo Goiana faces this reality of suffering, from the existing dichotomy between the new generation and the old generation of women who enter the ranks of the order; that does not allow to be brought to the fore questions and new female parameters of being a woman and female subjectivity.*

*Keywords: Woman, Third Order, Subjectivity feminine Church.*

**1-Introdução:**

A presença da mulher dentro da Igreja Católica ocorre desde o início do Cristianismo, sendo comum vermos relatos bíblicos ao respeito da presença feminina ao lado de Jesus; essa atitude de Jesus suscitou uma quebra de paradigmas numa sociedade judaica e machista, que nunca havia levado em consideração a dignidade da mulher “Em uma época marcada pelo machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível” (APARECIDA, 2007 p.111). A valorização das mulheres no interior da igreja, pode-se dizer, que foi iniciada por Jesus Cristo; e após a sua morte, as mulheres que os acompanhavam junto com seus apóstolos deram continuidade a sua missão. No entanto, apesar do resgate da dignidade da figura feminina por Jesus Cristo, registrado por meio da bíblia e discurso atual da antropologia cristã que ressalta a igualdade entre homem e mulher em razão de terem sidos criados imagem e semelhança de Deus (APARECIDA, 2007), o gênero feminino sempre foi colocado em segundo plano quando se trata da Igreja Instituição.

A Igreja detentora de uma estrutura patriarcal desde a sua fundação, buscou ocultar as atuações de mulheres e também desvalorizar sua posição, negando-a o lugar de ocupar altos cargos dentro de sua estrutura hierárquica. Um bom exemplo é o de Maria Madalena; a judia convertida por Jesus Cristo, segundo a bíblia, esteve presente em sua crucificação e ressurreição, sendo inclusive a primeira a testemunhar o sepulcro vazio, saindo às pressas para comunicar aos apóstolos “Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo” (JOÃO, 20:01). Todavia, Maria Madalena não teve o merecido destaque de Pedro e Paulo, vistos como baluartes do Evangelho e principais continuadores da mensagem de Jesus na terra.

Com o passar dos anos, a Igreja realizou tentativas de reconhecimento da mulher, de forma dúbia na verdade, pois se refere a falta de valorização da dignidade da mulher, pelo não reconhecimento de ações que segundo a Igreja cabe a ela, como a educação dos filhos e transmissão da fé, como bem pode-se observar em Aparecida (2007, p.111):

Lamentamos que inumeráveis mulheres de toda condição não sejam valorizadas em sua dignidade, fiquem com frequência sozinhas e abandonadas, não se reconheçam nelas suficientemente seu abnegado sacrifício e inclusive heróica generosidade no cuidado e educação dos filhos nem na transmissão da fé na família.

Anterior à Aparecida, temos o Concílio Vaticano II, o mesmo vai romper com o tradicionalismo da igreja católica ao lançar um novo enfoque sob o corpo, visto como algo integral ao espírito, portanto, homem e mulher são uma só carne, um só espírito, dando a ideia de unidade e não complementaridade de fato. O Concílio tem a particularidade de ter presente entre as fileiras de sua elaboração mulheres “consagradas e em número muito reduzido com relação aos homens” (BASSINI, 2011, p.02).

Na busca de um ideal feminino a ser seguido, Maria, mãe de Jesus, que desde os primórdios do Cristianismo e, também na atualidade, é apontada como a figura discípula por excelência; é peça fundamental na constituição do gênero feminino dentro da Igreja católica: “A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja” (APARECIDA, 2011, p.111).

 Todavia, é importante enfatizar que o modelo construído em torno de Maria, obedece a uma normatização idealizada do gênero feminismo, aderindo as transformações sociais, e que no fundo guarda a essência controladora e, porque não dizer, excludente da Igreja perante a mulher.

As doutrinas religiosas terminam tendo um papel importante neste processo, pois elas influenciam na formação da subjetividade do indivíduo, diante do contexto social cultural que está inserido “não são os indivíduos que tem a experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos na experiência” (SCOTT, 1998, p. 8).

A Ordem Terceira do Carmo de Goiana é um exemplo de onde se observa o conflito proveniente da busca de uma conduta ideal na qual a jovem mulher religiosa deve-se portar. Para a mesma implica guardar-se para o matrimônio, e qualquer indício de quebra do “contrato” acarreta punição, estabelecida pelos Estatutos da Ordem, que recomenda o seguinte: [[1]](#endnote-1)

“Um irmão ou uma irmã que por motivo de doença o outro justificável, não participa regularmente das atividades do Soldalício, continua pertencendo a Ordem, porém não goza de voz ativa ou passiva em eleições ou outras decisões do Sodalício. ” (2006, Art.82).

A elaboração dessa pesquisa surgiu da necessidade de se compreender como a mensagem do ser mulher é propagada nestes grupos católicos, compreendendo que neste espaço institucional o gênero feminino vem sendo colocado em segundo plano, mesmo com toda notoriedade e evolução da mulher na atualidade; Não existindo mais espaços para regras e padrões de outrora, observando que ela não se “visualiza a dona-de-casa, conformada e satisfeita com sua dependência e submissão ao marido, ou à espera de um” (VENTURINI, 2004, p.28).

**2-Objetivo geral:**

Analisar a construção da subjetividade feminina dentro da Ordem Terceira de Goiana.

**2.1 - Objetivos específicos:**

 Discutir a subjetividade feminina presente nos principais documentos da Igreja católica;

Pesquisar sobre o papel da mulher dentro das associações, ordens e movimentos da Igreja;

 Refletir de que forma as questões de gênero são encaradas pela Igreja.

**3-Material e Métodos**

De cunho qualitativo esta pesquisa está fundamentada na epistemologia feminista, tendo como referencial teórico textos de Judith Butler (1990;1985), Joan Scoot, (1975) Sandra Azêredo e Maria Rigaud Peixoto dos Santos (2016); que inovam em sua concepção de ciência e sujeito. A perspectiva feminista vale-se de procedimentos que problematizam a ideia de mulher, não mais como complemento do homem, mas como autônoma e sujeita de direitos próprios. Nesta pesquisa a base teórica do feminismo é resgatada para elucidar as categorias de sexo e gênero, que por sua vez, contribuem na compreensão e problematização do papel da mulher dentro da Igreja Católica; visando desconstruir as representações sociais do ser mulher, observando os mecanismos sociais de divisão social dos sexos e de outros sistemas de dominação como o Patriarcado (SAFFIOTI 1992).

 O enfoque principal será dado a partir de uma análise da concepção da mulher sustentado na Ordem Terceira do Carmo de Goiana. Vê-se que mesmo com o advento e transformações sociais, principalmente no que concerne ao papel da mulher na sociedade, a mesma, nesta instituição, permanece resistente a toda e qualquer ideia contrária de mulher já eternizada pela Igreja Católica, ocasionando sofrimento e um entendimento equivocado acerca da sua subjetividade feminina.

Esta pesquisa abordará questões relacionadas ao ser mulher na atualidade, dentro Igreja, analisando documentos, cartas e encíclicas cujo tema seja a presença e atuação da mulher no seu interior, logo será uma pesquisa documental (VERGARA, 2008). Far-se-á uso da Bíblia Sagrada, pois é tida entre os cristãos como base direta e verdade a ser seguida; sendo a fonte principal para o estabelecimento da doutrina e conduta dos cristãos; atuando de forma analítica e reflexiva diante este processo. Por fim, buscar-se-á realizar incursões sobre a bibliografia feminista, observando seus conceitos que buscam desconstruir as relações binárias entre os gêneros encontradas em alguns seguimentos desta Instituição religiosa.

 **4-** **Resultados das Discussões**

Seguir uma religião implica ter uma conduta de gênero, portanto, ao realizar a presente pesquisa, o intuito foi trazer a tona questionamentos a respeito da atuação da mulher na Igreja Católica. A instituição já vem retratando com o tempo o papel da mulher, fazendo uso de conceitos da antropologia cristã que ressalta a igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados a imagem e semelhança de Deus. (APARECDIDA, 2007). Em sua descrição vê-se que a igreja termina por apresentar a relação homem e mulher, como complementar, mas nunca entre iguais. Para tanto, basta observar a presença pífia das mulheres na escrita e organização de textos importantes ao catolicismo, como o Concílio Vaticano II (BASSINI, 2011, p.02)

(...) era a primeira vez, na história dos Concílios, que se admitia a presença de mulheres, 23 ao todo. Homem e mulher foram assumidos na sua relação de conjuguês, num quadro normal’ da condição humana e do matrimônio cristão.

 O número pequeno de representação feminina durante a elaboração do Concílio Vaticano II era constituído de religiosas consagradas, pertencentes às ordens e congregações o que não significou participação do começo ao fim do documento, estiveram presentes na primeira parte de sua elaboração. O que pode ser visto como um avanço, principalmente quando pensamos que no decorrer da história, sempre foi reservado a mulher na Igreja o lugar do silêncio “há poucos espaços na história tradicional para se pensar a memória da história da mulher” (PERROT, 2005, p.43).

 Saindo da esfera de ordens e congregações, observa-se a atuação da mulher leiga, que semelhante a consagrada, mantém seu compromisso de evangelização e propagação da Palavra de Deus, contudo no aspecto secular, fora dos conventos. Observamos uma tentativa da Igreja de trazer o cotidiano delas para o seio da Igreja, reconhecendo as dificuldades diárias, sugerindo a inclusão nos grupos de algumas ações práticas, como forma de participação mais efetiva das mulheres, como é proposto em Aparecida (2007, p.202):

a) Estimular a organização da pastoral de maneira que ajude a descobrir e desenvolver em cada mulher e nos âmbitos eclesiais e sociais o “gênio feminino253” e promova o mais amplo protagonismo das mulheres.

b) Garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, assim como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição.

c) Acompanhar as associações femininas que lutam para superar situações difíceis, de vulnerabilidade ou de exclusão.

 d) Promover o diálogo com autoridade para a elaboração de programas, leis e políticas públicas que permitam harmonizar a vida de trabalho da mulher com seus deveres de mãe de família.

 Estas propostas representam um avanço, havendo uma abertura e reconhecimento da presença da mulher no seio da Igreja, contudo não significa que sejam colocados em prática, devido as dificuldades na promoção do protagonismo da mulher, elaboração e aplicação de políticas públicas são em número pequeno. A presença e implantação da Pastoral da Mulher são praticamente inexistentes em algumas dioceses, e automaticamente nas paróquias, se voltar nosso olhar para a ordem Terceira do Carmo, é delicada, tendo em vista que estar no Carmelo implica comportar-se como uma mulher, que precisa de adequar a um ideal de vida, resistentes às realidades do universo feminino, citadas no decorrer do artigo, pois ser integrante dela significa seguir um ideal de vida carmelitano, resistente a determinadas realidades do universo feminino.

 O ser mulher, vem sendo alvo de discussão no decorrer da história da humanidade, principalmente após o surgimento do Movimento Feminista, Com seu advento, os estudos feministas lançaram uma outra perspectiva do ser mulher, mediante a concepção das correntes teóricas. No entanto é bom ressaltar que se remetem ao ser mulher, associando as questões de gênero, onde muitas delas defendem que a construção da mulher, advém das relações de poder, entre o gênero feminino e masculino. Contudo a redução do ser mulher apenas a relação de poder, defendida pela teoria marxista é criticada por Safioti:

Quando se insiste na natureza relacional do sexo, não apenas se nega enfaticamente a postura essencialista, como também se revela à crença de que é mais fácil recorrer a procedimentos cirúrgicos e fazer as mudanças desejadas na genitália do que intervir no sentido de alterar o gênero, socialmente imposto a uma pessoa, simultaneamente, por ela conquistado (SAFFIOTI 1992, p. 186).

Já para teoria psicanalítica, o ser mulher vai se constituir ainda na infância, afirmando que as identidades do sujeito são criadas, centralizando suas análises nas primeiras etapas da vida da criança. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 738). Difere da teoria anterior, a Marxista no que concerne ao ser mulher, contudo, as semelhanças se tornam evidentes, ao percebermos a universalização da categoria do ser homem-mulher, quando reforça a binaridade entre ambos os sexos, não valorizando a subjetividade humana. É interessante observar, que além do ser mulher, filiado as questões de gênero, o universo feminino é permeado pela definição de sexo, subtendendo que “sexo diz respeito às características fisiológicas relativas a procriação, reprodução biológica” (STREY, 1998, p.182).

A concepção biológica é bastante comum em nosso meio, pois aprendemos que a diferença do homem e da mulher está exclusivamente na genitália. Já Butler (1999, p.151) , chama atenção para concepção um conjunto de normas e regras, que acabam por reiterar e materializar o sexo do indivíduo “o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração”. O paradoxo: desestabilizar e produzir, chama atenção, numa instituição que nos anais de sua história, busca reconhecer o papel da mulher como integrante dela, em paralelo se prender a valores tradicionais que acabam tolhendo qualquer ascensão da figura feminina como autoridade eclesiástica, ocasionando um sofrimento, suscitado pelo questionamento e porque não dizer deslocamento da mulher dentro da Igreja.

**5-Considerações Finais**

Entender a construção da subjetividade feminina nas fileiras dos grupos e associações da igreja católica torna-se no mundo atual um desafio, mediante a intensa secularização para as associações da igreja católica torna-se um desafio, principalmente por estarmos inseridos neste mundo, acabamos suscitando dentro de nós questionamentos, provenientes das observações e dúvidas de um membro que busca constituir sua identidade religiosa. Esta identidade é rotulada, imposta, abrindo mão da possibilidade de construção de novos parâmetros, padrões e prazos já estabelecidos

 Construir essa identidade feminina significa, quase sempre, absorver conceitos que terminam influenciando e constituindo a subjetividade da mulher, pois muitas vezes questiona-se esses corolários de regras que acabam não atendendo as necessidades do ser mulher hoje, ocasionando de certo sofrimento psíquico nos fazendo repensar o nosso papel nela.

Ao tecer o olhar para história da igreja, observa-se a construção binária em torno da relação homem e mulher e muito embora a igreja afirme que não, existe inclusive farta literatura sobre o assunto. Vê-se também nas fileiras da instituição, nos altos cargos da hierarquia da Instituição, um número mínimo de mulheres, apontando a dominação masculina.

Muito entristecedor é ainda presenciar muitas vezes o estimulo à repressão à sexualidade, a proibição do aborto, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, a crítica ao uso dos métodos anticonceptivos, as diversas formas de violência sofrida pela mulher, tais como abuso sexual; enfim, realidades distintas que cabem a mulher se responsabilizar e que terminam por influenciar a vida do homem também, mas que não é sequer colocado em pauta.

Quando a mulher é lembrada na igreja, em geral, está associada ao homem, numa relação de inferioridade que vem desde o início do Cristianismo, mas que agora é complementaridade do corpo, em que ambos formam uma só carne, voltados para constituição de família, através do matrimônio. Desta forma, justificando-se a relação de dependência velada da mulher para com o homem. Os movimentos e associações religiosas terminam divulgando esta concepção do ser homem e ser mulher, agindo como braços da instituição da Igreja católica, havendo inclusive mulheres como agentes multiplicadoras desses conceitos, piorando ainda mais o problema.

Considerando o que foi dito, vê-se que é fundamental repensar os papéis de gênero dentro da igreja, visto que eles sustentam e perpetuam relações de dominação, gerando sofrimento, na sua maioria das vezes, para as mulheres. Promover a transformação destas relações é urgente, compreendendo que a questão vai muito além de juntar homens e mulheres em um matrimônio, que via de regras, de acordo com os cânones da Igreja, deve ser internalizada como algo eterno. Neles estão presentes não só a igualdade, mas também equidade, daí é possível entender que ambos os sexos, podem dispor de poderes e reconhecimento iguais.

Vale ressaltar que ao estar inserida no meio da pesquisa como mulher, católica e cristã e entender esse universo e estes ideais posso contribuir para o pode favorecer um rompimento da reprodução das perspectivas que tanto influenciam na constituição da subjetividade humana, afinal não como não ser perpassado pela pesquisa, sendo influenciado por ela e resignificando ideias e conceito que fazem parte de mim, no entanto buscarei, cativar uma ótica menos discriminatória e libertadora dentro da igreja.

**Referências**

DOMEZZI, Maria Cecília. **Uma Leitura da Gaudium et Spes na perspectiva de Mulheres Latino-americana.**IN: <htpp: www.atital.com.br. > Acessado em Outubro de 2016.

BASSINI, Marli. Mulher e Gênero: **A Construção da identidade Religiosa Feminina na Perspectiva da história Cultural.**In:<htpp:www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acessado em Outubro de 2016.

SANTOS. P.R. Vanessa.  **De Mulher À Mulher Pentecostal: Discussão de Gênero em Campo Religioso.** In: Gênero além da gaveta. Recife: Libertas,2016.

JOÃO, In: Bíblia online: Novo Testamento<htpp://bibliaoline.com.br/acf/JO/5> Acessado em Outubro de 2016.

SCOTT, JOAN. **Igualdade versus Diferença: os usos da teoria pós-estruturalistas.** In: Debate Feminista, São Paulo, edição especial Cidadania e Feminismo.1999.

VENTURINI, Gustavo, RECAMAN Marisol e OLIVEIRA Suely (organizadores). **A** **Mulher Brasileira no Espaço Público e Privado**. São Paulo, Editora Perseu Abramo,2004.

PERROT, Michele. **As Mulheres ou o silêncio da História.** Bauru/SP-EDUSC,2005.

**Documento De Aparecida**, Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Aparecida, Edições Paulinas.2007

Estatutos Religiosos da Ordem Secular Carmelita da Província Carmelitana Pernambucana, Brasil. 2006.

SAFFIOTI, Heleieth**. Rearticulando Gênero e Classe** In: A. O. Costa & C. Bruschini (orgs.), Uma Questão de Gênero, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo:

Fund. Carlos Chagas, 1992.

1. Ordem religiosa constituída por membros da Igreja católica, composta maioritariamente por homens e mulheres leigos, mas que estão ligados espiritualmente, e de modo bastante particular, aos restantes membros da Ordem do Carmo. [↑](#endnote-ref-1)